RESUMO - PESQUISA CIENTÍFICA - POLÍTICAS PÚBLICAS NO CUIDADO À PESSOA COM DEFICIÊNCIA

RACISMO E CAPACITISMO NO TRABALHO EM SAÚDE: VIVÊNCIAS DE TRABALHADORAS EM UM CER-IV

Simone Bezerra Alves (simone.alves.ufpb@gmail.com)

Franklin Delano Soares Forte (franklinufpb@gmail.com)

Fabia De Souza Rocha Lopes (fabiarocha.funad@gmail.com)

Larissy Aparecida Brito De Araujo Silva (larissy.sspb@gmail.com)

Maria De Lourdes De Farias Pontes (profa.lourdespontes@gmail.com)

A Organização das Nações Unidas parte da prerrogativa que o avanço social depende de um conjunto de esforços para que as formas de opressão, exclusão, desigualdade e pobreza sejam combatidas. Nesse sentido, o trabalho exerce um importante papel na vida social, podendo ser um espaço de disputa por poder, levando muitas vezes a violências e opressões. As desigualdades de gênero, raça e deficiência atravessam o trabalho em saúde, produzindo muitas situações de discriminação e violência no cotidiano dos serviços. Nesse contexto, este estudo teve como objetivo caracterizar o perfil sociodemográfico das trabalhadoras de um Centro Especializado em Reabilitação (CER-IV) da Paraíba e analisar a ocorrência de racismo e capacitismo no ambiente de

trabalho. Trata-se de estudo transversal, de abordagem quantitativa, realizado em fevereiro de 2026 com 137 trabalhadoras atuantes há pelo menos seis meses no serviço. Foram excluídas aquelas que estivessem em férias ou licença. Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética da Secretaria Estadual de Saúde da Paraíba pelo parecer 8.058.944 e CAEE: 93033825.8.0000.5186 . Observou-se predominância de mulheres cis (97,8%), com média de idade de 43,7 anos (dp+ 1,0) anos. Quanto à raça/etnia, prevaleceram pessoas autodeclaradas brancas (45,3%) e pardas (43,8%). Situações de racismo no ambiente de trabalho foram relatadas por 18,2% das participantes. A maioria das trabalhadoras não possuía deficiência (81%), enquanto 10,2% relataram deficiência física ou auditiva e 2,2% deficiência visual. Entre aquelas com deficiência, 23,5% referiram preconceito por parte de colegas e 11,8% por usuários. Estudos apontam que as mulheres são a mais prevalentes no cuidado em saúde, então, conhecer o perfil das trabalhadoras, bem como aspectos relacionados com assédio, preconceitos e violências no trabalho é de grande importância para a que sejam desenvolvidas políticas públicas de enfrentamento a tais problemas, garantido uma maior proteção e melhor saúde mental das mulheres que cuidam das pessoas com deficiência. Os achados evidenciam que, mesmo em serviços especializados no cuidado à pessoa com deficiência, persistem situações de racismo e capacitismo no ambiente de trabalho. Esses resultados reforçam a necessidade de desenvolvimento de políticas institucionais voltadas à promoção de ambientes de trabalho mais equitativos e à proteção da saúde das trabalhadoras, especialmente em contextos marcados por múltiplas desigualdades.

Palavras-chave: pessoa com deficiência; capacitismo; racismo; trabalhadoras da saúde.